

VOCÊ TEM QUE PASSAR NO VESTIBULAR¹⁰⁵: A ENTRADA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

Fábio Luiz Rodrigues (Faculdade CCAA)
fabiorodrigues@uol.com.br

Corpo discente e corpo docente são nomes dados, respectivamente, ao conjunto dos alunos e ao dos professores que compõem uma instituição educacional, seja ela do ensino fundamental, médio ou superior. Abordaremos aqui alguns aspectos do “rito de passagem” do corpo discente do ensino médio para o superior, conhecido em nosso país como exame vestibular, o qual dá direito ao aprovado de cursar uma faculdade. Lançaremos mão da letra da canção “Química”, da banda Legião Urbana (em anexo), para estabelecermos um diálogo entre os impasses diante da escolha profissional e o valor atribuído às profissões em nossa sociedade. Com isso, nosso objetivo, por meio desse diálogo, é buscar uma possível desconstrução da injunção “você tem que passar no vestibular”, verso contido na letra da referida canção e no título deste trabalho.

Se pensarmos em todos os percalços que devem ser enfrentados em nosso país por aquele que pretende entrar para o ensino superior, o exame vestibular “começa” antes mesmo do vestibular propriamente dito. Nessa “primeira etapa”, os que ficaram de fora nos revelam sua ausência nos próprios bancos escolares. A “segunda etapa”, a do vestibular, traz o grupo que teve “sorte”, condições financeiras mínimas para estar alimentado, para ter tempo para estudar e o “desejo de chegar lá”.

Nessa segunda etapa, em uma instituição educacional, cada aluno tem a função de comparecer e participar das aulas, realizar provas e deixar-se “educar” para o mundo do trabalho como cidadão. Essa função não deixa também de ter efeitos singulares nas histórias pessoais. É provável que uma rápida enquete nos corredores de uma escola com um número *x* de alunos do 3º ano do ensino médio, acerca de suas vivências e impressões, já nos revelasse isso. Talvez também não seja errôneo afirmar que a passagem do ensino médio para o ensino superior é, para alguns, um dos momentos em que mais se sentem as diferenças (positivas e negativas) entre um “antes” e um “depois”.

¹⁰⁵ RUSSO, R. Música: Química. CD: *Que país É este*. Música: EMI Musica, 1987. Disponível em: <<http://legiaourbana.com.br/html/discografia/player.html?m=qp05quimica.mp3#musica-24>>.

Isso porque a escolha de uma profissão, frente ao exame vestibular, pode trazer à luz questões antes não consideradas. Tal escolha pode, inclusive, iluminar o triangular impasse entre o “desejo de ser” um profissional x, o valor atribuído e este profissional na sociedade e a remuneração proporcionada pela profissão escolhida. Por razões históricas formou-se em nosso país a ideia de que, para sermos “alguém”, temos de estudar, fazer uma faculdade e, de preferência, escolher um curso “nobre” como medicina, direito ou alguma engenharia.

Aos mais apressados, este texto não é uma apologia contra o ensino superior nem contra o exame vestibular e muito menos contra qualquer uma das áreas acima citadas. Ao invés disso, como anunciado no início, gostaríamos de chamar a atenção aqui para um verso da letra de “Química”, canção da banda Legião Urbana. “Você tem que passar no vestibular” parece trazer em seu bojo, por intermédio da injunção, a marca de um dever que responde, talvez, a um desejo dos pais de que um filho se torne, por exemplo, médico. Vale lembrar que esses mesmos pais estão inseridos em uma sociedade que lhes envia a mensagem de que algumas profissões são mais bem aceitas do que outras e que, inclusive, elas “dão” mais dinheiro. Quem já não ouviu em uma conversa algo parecido com:

A: O que você faz?

B: Sou músico.

A: E trabalha com o quê?

Estaria implícita nesse pequeno diálogo a ideia de que a profissão de músico não proporciona remuneração adequada a esse profissional? Ou, ainda, que o músico seria aquele que, por ter o questionável “talento inato”, estaria, por isso, apenas se divertindo e não trabalhando? Seria tal profissão digna de ser reconhecida somente nos casos como o da banda Legião Urbana, que alcançou as chamadas paradas do sucesso?

A ideia de que a única possibilidade de reconhecimento social para o cidadão se daria somente quando ele “alcançasse” o chamado “sucesso profissional” parece estar bastante carregada de sentido na contemporaneidade. Esse tema é recorrente não só em revistas especializadas no assunto, mas também em matérias nos mais diversos jornais de grande circulação em nosso país. Neles, propagandeiam-se programas de consultoria que parecem se aproximar de fórmulas para atingir metas e objetivos, passo a passo para o sucesso profissional.

Restar-nos-ia saber o que seria esse tal “sucesso”. Qual seria o preço a se pagar ao responder a uma demanda social capitalista de “sucesso profissional”? A marca dessa demanda aparece na letra de “Química”: “Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão, ter filho na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão. Ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão. Você tem que passar no vestibular”.

Se, nos dias de hoje, essa demanda ao ser respondida já não proporciona mais um estrangulamento subjetivo, ao menos ela nos dá indícios de uma sofisticação. Na atualidade, é preciso também ter um corpo magro, com taxas de colesterol e triglicérides controladas, que possa consumir e consumir sempre mais, sem qualquer espécie de restrição. Dessa maneira, uma profissão nobre, que “dê dinheiro”, parece ser o caminho “mais curto” para se responder a todas essas demandas contemporâneas.

Assim, da mesma forma que devemos reconhecer certo êxito de tais programas de consultoria, deveríamos também nos dedicar a pensar sobre o que seria e o que envolve o sintagma “sucesso profissional”. Vale lembrar que, com isso, não estamos dizendo que profissionais das mais diversas áreas não devam buscar aprimoramento profissional, cursos de especialização e realização pessoal dentro de seus campos de atuação. Talvez seja possível pensarmos que a mesma ideia contida na injunção “você tem que passar no vestibular” esteja se estendendo à “fase” seguinte, no término da graduação, a do mercado de trabalho, onde se leria: “você tem que ter sucesso profissional”.

Isso posto, seria então interessante pensar em formas de resistência à injunção “você tem que passar no vestibular”, quando esta der indícios de estar unicamente em estreita relação com as demandas contemporâneas. Demandas essas que, ao invés de serem norteadoras da vida do cidadão, são fontes de angústia, já que estão além do alcance de reles mortais. Tais formas de resistência talvez possam ser o prenúncio para uma desconstrução da injunção “você tem que passar no vestibular”. Uma alternativa seria pensar em um “você pode passar no vestibular”, pode até ser aquele curso que não “dá” dinheiro.

Em outras palavras, e avançando nessa ideia – já que havíamos mencionado cursos que são mais bem cotados socialmente –, a questão parece não estar em fazer o curso de engenharia mecânica ou o de belas artes, por exemplo, mas sim em fazê-lo porque assim se deseja. Profis-

sionais da marcenaria, por exemplo, que muitas vezes aprenderam a arte de seu ofício na prática ou por meio de uma tradição familiar, são – em geral – tidos como profissionais que executam “trabalhos menores”, já que não passaram pela educação formal superior. Esse trabalho “manual” e muitos outros – por fruto do ranço dos anos de escravidão – parecem ter sido relegados a uma posição menor em nossa constituição como nação. Aplica-se também a ele a curta e crua mensagem de que “quem não usa a cabeça trabalha com as mãos”.

O que falta em nosso país é profissionalização para os nossos trabalhadores. Podemos perceber alguma mudança nesse cenário, já que cursos profissionalizantes hoje não exigem uma escolaridade mínima para aqueles que desejam frequentá-los. Sendo os espaços e oportunidades mais igualitários para todos, não haveria a rasa briga comprada por alguns profissionais – independentemente da área de atuação e com obtenção de diploma de graduação ou não – traduzida pela ideia: “se eu estudei mais, tenho de ganhar mais”. Ora, não estamos tratando disso. Sabemos que um médico que tem sob sua responsabilidade um paciente em cirurgia está sob uma carga de pressão extremamente diferente da do marceneiro trabalhando em um móvel que não ficará pronto para a data combinada. Essa mesma ideia parece fazer sentido quando ouvimos algo como “o pedreiro que não tem nenhum estudo está ganhando mais do que eu, que estudei cinco anos para me formar em odontologia”.

Logo, estamos falando aqui da não valorização das profissões ligadas às mais diferenciadas formas de expressão artística, do trabalho manual do artesão, do pequeno agricultor, do garçom, do pedreiro, da faxineira. Não valorização tanto na questão dos honorários como na questão da profissão em si. Dito de outro modo, estamos pensando nas profissões que sofrem discriminação em nossa sociedade. Coincidências ou não, essas profissões de forma geral não são bem remuneradas. Também estamos falando das ditas profissões advindas da educação formal superior, essas bem mais valorizadas em nossa sociedade, mas que não têm sido valorizadas como deveriam no tocante à remuneração.

É interessante pensar a valorização que profissões não outorgadas pela educação formal têm fora do Brasil. Na Inglaterra, por exemplo, país que tem em seu passado mais recente a Revolução Industrial, um profissional, independentemente da profissão exercida, terá seu ofício valorizado quando esse for bem executado. Se valorizado, resta sabermos se está sendo justamente remunerado. À parte a extrema diferença existente entre a formação e a consolidação de um país como o Brasil e de um país

como a Inglaterra, essas diferenças não deveriam apenas nos servir para justificarmos o “estado das coisas”, mas também para criarmos uma identidade brasileira de fato que seja outra coisa que não o “jeitinho brasileiro”. Isso não é pouco.

Havíamos dito anteriormente que faltava profissionalização para nossos trabalhadores. Porém, antes, vale também pensar sobre o que estaria faltando aos nossos vestibulandos, nossos calouros e veteranos para fazer diferença não só em sua vida acadêmica, mas também profissional e como cidadãos. Qual seria a parte que lhes cabe? Retornemos, então, ao início do texto, quando falávamos do rito de passagem chamado vestibular.

A nova fase na vida daqueles que, ao entrarem na faculdade, estão virando a página do ensino médio traz consigo a experimentação de um novo tempo, novos sabores, sensações de deslocamento, descobertas, desilusões e, é claro, o contato mais sistematizado com aquilo que naquele lugar é chamado de conhecimento científico. Entra em jogo, digamos, uma questão de reposicionamento do corpo discente nesse novo meio, a saber, o meio acadêmico.

Se, por um lado, o corpo discente é composto pelos alunos de uma dada instituição educacional, como dissemos, por outro, devemos então considerar também a singular história de vida de cada um desses alunos, como apontamos no início. Suas vivências e experiências compõem para ele (o aluno) uma imagem que, ao mesmo tempo que lhe confere certa singularidade, também é coletiva, ou seja, a imagem daquele que irá prestar o exame vestibular.

Expostas nossas considerações sobre a questão do vestibular, dos lugares ocupados pelas profissões no social, o que mais poderia ser levado em consideração a respeito dessa imagem, nos dias de hoje?

Ao que tudo indica, em tempos de comunicação globalizada com a *internet* e as redes sociais, a noção de impossibilidade – ou mesmo de proibido – para o humano diante do mundo se viu reduzida. De posse de seu *smartphone*, o adolescente contemporâneo tem um mundo em suas mãos que lhe confere o estatuto de um “tudo posso”. Não só por isso vemos também, na atualidade, uma crescente indisciplina que parece não ter mais nada a ver com transgressão.

O sociólogo francês Alain Ehrenberg (1998), em seu livro *La fatigue d'être soi* – em tradução livre, “O cansaço de si” –, afirma que os

anos 1960 foram aqueles que fizeram claudicar concepções e tradições, as quais haviam até então demarcado a vida do homem moderno. O autor afirma que esse momento histórico proporcionara grandes transformações no campo da individualidade no final do século XX – o que fez com que o homem ficasse sem um referencial que o conduzisse – esgarçando a linha fronteira entre aquilo que era permitido e o que era proibido até os anos 1960.

Se associarmos a ideia de Ehrenberg à questão dos avanços tecnocientíficos a que assistimos na contemporaneidade, podemos pensar que eles, além de provocarem novos engendramentos psíquicos, ampliam os limites do humano. Basta lembrar a aplicação dos conhecimentos tecnocientíficos no campo da medicina – hoje vivemos mais “tempo” e temos “qualidade de vida” – ou, mais especificamente, no das cirurgias plásticas, em que o invólucro do ser pode ser transformado por caprichos estéticos (RODRIGUES, 2012). Esses novos engendramentos psíquicos em relação às tecnologias de comunicação, às indisciplinas destituídas de transgressão e ao corpo parecem ser engendramentos que contribuem para a composição de uma imagem de corpo que também faz parte daquele que irá prestar o vestibular, nos dias de hoje.

Ehrenberg ainda lembra que, “paralelamente à relativização da noção de proibido, o lugar da disciplina dos modos de regulação da relação indivíduo-sociedade se reduziu” (EHRENBERG, 1998, p. 15). Ora, sem um referencial que o norteie, não estaria aberto ao corpo discente, na contemporaneidade a ideia de que ele pode passar no vestibular ao invés de um “você tem que passar no vestibular”. Se associarmos essa ideia à ideia de desejo, aproximamo-nos de nossa proposta inicial para a desconstrução da injunção “você tem que passar no vestibular”. Aí estaria uma produção de vida minimamente desatada da questão dos deveres.

Ao contrário, a letra da canção no verso “nem música eu posso mais ouvir e assim não posso nem me concentrar” nos dá indícios da marca de uma injunção que, ao invés de um efeito positivo, produz um negativo. Isso porque “não posso nem me concentrar” parece remeter a um “não consigo nem me concentrar”. Talvez aquele que irá prestar o vestibular possa, ao deixar de responder a injunções e demandas sociais, encontrar-se, no futuro, realizado profissionalmente através do uso de uma disciplina que esteja mais condizente com os seus desejos.

Havíamos ainda mencionado anteriormente que as vivências e experiências de vida de cada aluno compõem para ele uma imagem singular

e, ao mesmo tempo, coletiva, como a daquele que irá prestar o vestibular. Nas palavras do psicanalista francês J-D Nasio (2009, p. 54), a imagem corporal diz respeito ao “que sentimos e vemos de nosso corpo”. Em outras palavras, essas imagens não são somente um dado de “realidade”, mas também *imagens* da ordem da *sensação*. Como explicar a *sensação* vivenciada quando, num dado momento, nos olhamos no espelho e não nos *sentimos* bem, ou quando em outro momento nos olhamos no espelho e nos *sentimos* radiantes? Não é a mesma imagem que aparece lá refletida?

Assim, a imagem daquele que irá prestar o vestibular – se embalada por um “você tem que passar no vestibular” – talvez não contribua em nada para o projeto de entrar para uma faculdade. É, pois, interessante pensarmos aqui na expressão “fulano teve sua imagem arranhada”. Arranhões, sabemos, provocam fissuras. É através das fissuras provocadas nessa imagem que pode vaziar uma “outra face” de nós mesmos que não deveria escapar. Não deveria escapar, vale lembrar, ao menos de acordo com uma determinada regra social, com determinados lugares ou diante de certas pessoas. Lembremo-nos daquele vestibulando que, ao não passar no exame vestibular, sente-se profundamente abalado, já que ele mesmo e muitos ao seu redor tinham grandes expectativas e certezas de que agora ele seria “alguém”.

Talvez a imagem arranhada, aquilo que escapa do nosso controle possa ser o prenúncio para sabermos de nós mesmos. No entanto, o que difere está em desejarmos ou não saber disso que nos escapa, daquilo que não se encaixou. Esse saber difere em muito do conhecimento que adquirimos na vida escolar. Melhor dizendo, a escola, o meio acadêmico para o discente pode ser o lugar ideal para que desarranjos e rearranjos da imagem tomem corpo. Lugar ideal como propício para que construções, desconstruções e reconstruções nos deem acesso a um saber que se traduza em nosso corpo, não só como discurso linguageiro, mas também como ato.

Se há “educação” dos corpos, há de haver uma educação que se apreenda no corpo através daquilo que nos escapa, para que, com isso, nos transformemos e transformemos o mundo ao nosso redor. Talvez o posicionamento do corpo no meio acadêmico nos remeta ao que ele pretende diante de tantos recursos ao seu dispor em meio a uma extrema falta de condições básicas, necessárias para que atravesse as barreiras dos vestibulares de sua vida que ele se impõe e que a ele se impõem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi*. Paris: Odile Jacob, 1998.

RODRIGUES, F. L. *O primeiro silicone a gente nunca esquece: do implante de prótese mamária em meninas adolescentes*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NASIO, J.-D. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RUSSO, R. Música: Química. CD: *Que país é este*. Música: EMI Musica, 1987. Disponível em:

<<http://legiaourbana.com.br/html/discografia/player.html?m=qp05quimica.mp3#musica-24>>.

Anexo:

Química

Renato Russo

Estou trancado em casa e não posso sair
Papai já disse, tenho que passar
Nem música eu não posso mais ouvir
E assim não posso nem me concentrar

Não saco nada de física
Literatura ou gramática
Só gosto de educação sexual
E eu odeio química

Não posso nem tentar me divertir
O tempo inteiro eu tenho que estudar
Fico só pensando se vou conseguir
Passar na porra do vestibular

Chegou a nova leva de aprendizes
Chegou a vez do nosso ritual
E se você quiser entrar na tribo
Aqui no nosso Belsen tropical

Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão
Ter filho na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão
Ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão
Você tem que passar no vestibular.